

Eleitor de Brasília gosta de votar contra governo

Em maio deste ano, Lula corria sozinho na disputa presidencial. O real era só embrião e pouca gente apostava que a moeda forte seria o grande cabo eleitoral desta campanha.

Entre os poucos que jogavam suas fichas nessa tese estava Ricardo Penna, diretor da Soma Opinião e Mercado, empresa de pesquisa de Brasília.

Numa entrevista ao **Correio Braziliense**, no final de maio de 1994, Ricardo discordava de Marcos Coimbra, diretor do *Vox Populi*.

Coimbra admitia que um sucesso retumbante do Plano Real poderia ser o trampolim para a entrada de Fernando Henrique no eleitorado popular, mas fazia a ressalva

“É altamente improvável, pela conceção e pelo *timing*, que isso aconteça”.

Para Coimbra, sem congelamento e com pressão de consumo, o mercado elevaria os preços. “Plano

eleitoral foi o Cruzado”, afirmava.

Ricardo Penna também era enfático, mas no sentido contrário, apostando no efeito da estabilização da economia sobre o voto do brasileiro.

“A manutenção de uma taxa de inflação inferior aos 5% vai garantir ao candidato tucano a vitória no primeiro turno”, dizia ele.

A previsão do diretor da pequena empresa brasiliense parece estar se realizando. E Penna dá ao povo brasileiro — no caso, os brasileiros de todas as origens que vivem em Brasília — a chance de ser mais complexo do que as pesquisas.

Sentado em frente ao seu computador, no minúsculo escritório do setor Comercial Sul, ele tenta traduzir o voto da capital, o voto de Brasília, em que o roqueiro Giovanni não é uma exceção.

“Temos a população com a maior escolaridade média do país, o eleitor daqui é muito jovem, da mesma forma que também é muita

nova a prática política na cidade. Isso significa que, apesar do fenômeno Roriz, não se aceita com facilidade as velhas fórmulas de se fazer política”, avalia Penna.

Ele discorda da tese de que o brasiliense é petista por definição.

“O brasiliense não tem afinidade com movimentos políticos radicais. Mas por ser mais esclarecido e pela proximidade com o poder, o eleitor de Brasília não é governista, preza as propostas sociais. Foi por isso que votou no PT em 89”.

Arquiteto, fotógrafo, jornalista e dono de doutorado nos Estados Unidos em economia regional, Ricardo Penna lembra que este ano a situação foi diferente na corrida presidencial.

“A eleição não está mais dividida entre o bem e o mal. Isso, para uma população com razoável nível escolar, é fantástico. Pode-se escolher pelas propostas e não pelo maquiismo”.